

Stadium

N.º 309

3 de Novembro de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto DINIZ SALGADO

Vasco, energicamente,
acorre. Mas Rogério,
do Atlético, faz a jo-
gada, de cabeça, num
primôr de execução!



CONFIRMA-SE A EXISTÊNCIA DE CASCAS DE LARANJA NA PROVÍNCIA

Fez-se em vários campos
futebol rápido e de boa qualidade

Crónica de TAVARES DA SILVA

O campeonato prossegue na sua marcha, dando-nos todos os domingos alguns resultados de surpresa. O interesse aumenta. Sucedem assim enquanto um dos participantes não conseguir deanteira decisiva, e enquanto os problemas secundários, mas muito importantes, não estiverem resolvidos.

Já como regra geral, pode dizer-se que os chamados clubes Grandes, acostumados ao papel de tiranos vão encontrando cada vez menos «teams» na Província dispostos a fazer de vítimas.

O caso não nos parece estranho. Os 3 de Lisboa mais o do Porto continuam a ser os melhores — a própria tabela indica-o! — mas os da Província subiram um pouco e acham-se mais preferentemente organizados, de modo que a resistência é maior. O jogo estuda-se mais. Por outro lado, dista-nos ainda há pouco um dirigente de fina observação, os árbitros dirigem as partidas de uma forma diferente em Lisboa e Porto, e nas outras terras. Todavia, parece-nos que a tendência que se nota para o nivelamento de valores, dentro de um mínimo e de um máximo aceitáveis, favorece o futebol. Pelo menos, aguçá esta competição — hoje um caso muito sério. Vejamos, porém, os números da 7.ª jornada:

Atlético.....	1	—	Belenenses..	7
Sporting.....	3	—	Olhanense..	1
Estoril.....	6	—	S. Braga....	1
Vitória (G.)..	3	—	Benfica.....	3
F. C. Porto..	6	—	Vitória (S.)..	1
Elvas.....	3	—	Boavista....	0
Lusitano....	2	—	Sp. Covilhã..	1

O empate verificado em Guimarães merece o lugar de honra no quadro da 7.ª jornada. Já Covilhã e Braga, mesmo Vila Real contra Belenenses, haviam dado um ar de graça. Seguiu-se agora Guimarães. Isto tudo junto significa, certamente, alguma coisa. O mais curioso é que foi o Benfica que se teve de empregar a fundo para arrancar, pelo menos, um ponto.

Não causa surpresa a vitória do Belenenses, o único que venceu fora de casa, do Sporting, Estoril, Porto, Elvas e Lusitano. Há, no entanto, números de grandes desníveis — o que não estava previsto. A questão da Tapadinha decidiu-se a favor de Belém — e de que maneira! Na história dos dois clubes trata-se de um caso único. Também os bracarenses pagaram um tributo pesado no campo da Amoreira.

Há «teams» que mostram tendência para melhorar. Porto e Belenenses devem integrar-se nessa tendência. Os portugueses evidenciam um melhor equilíbrio, embora não tenham utilizado ainda o centro-avancado Vital, que está regular e definitivamente

transferido para o Porto, mas cujo comportamento vai ser talvez hoje observado na reunião da Comissão Administrativa. E daí poderá vir alguma surpresa... O Belenenses, por seu turno, melhorou no que respeita à sua grande doença — a linha avançada e correspondente remate — havendo maior nivelamento nos seus sectores. Também o Estoril se apresta para desempenhar um papel simplesmente defensivo.

O Sporting continua a grande distância de todos os outros concorrentes em bolas marcadas (34), quase o dobro dos que têm 19 e estão em 2.º, e o Porto iguala-se ao Benfica em bolas sofridas (6), seguindo-se o Belenenses com 7. E' de notar que os benfiquistas sofreram em Guimarães tantas bolas como nas seis primeiras jornadas. Francisco Ferreira, firme e crente na sua linha defensiva, diziamos com a convicção profunda de quem sabe o que está a dizer que o Benfica não podia sofrer mais de um golo, o máximo dois, em cada encontro. Afinal, Guimarães provou o contrário.

E' curioso seguir a dança dos lugares na Tabela, notando-se vocação de vários «teams» para subir e de outros para descer. Aos poucos — a verdade triunfa. Nos primeiros postos, Porto subiu para 2.º e desceu

Benfica para 3.º, saltando Belenenses do 5.º para o 4.º lugar, e cedendo a sua posição a Braga. Estoril também subiu um ponto, trocando com Guimarães. Elvas, por sua vez, deu um pulo enorme, de 11.º a 8.º. E Lusitano passou para cima do Vitória de Setúbal. Mais reviravoltas se aguardam. Mesmo a continuar-se neste caminhar — quem suportará as exigências da Prova? Estamos em presença de uma competição extremamente dura e violenta, sujeita a precalços que num repente lhe alteram a fisionomia. Ninguém pode dormir tranquilo!

BEM vistas as coisas, o desafio da Tapadinha transformou-se numa bela e vistosa partida de campeonato. Foi um jogo de nervos e de vibração, dando-nos futebol de desplique, de equilíbrio, e superioridade de uma das forças em relação à outra.

O Belenenses foi subindo gradualmente ao ponto de atingir o magnífico. Ao princípio, a defesa mostrou-se um pouco incerta para ganhar em seguida uma coesão notável; e o ataque eliminou aos poucos as suas falhas para atingir bitola de envergadura.

Com o Atlético deu-se precisamente o inverso. O grupo teve um

período brilhante no primeiro tempo, para, consumindo todas as energias, não conservar o mesmo tom de futebol na 2.ª parte. No trecho excelente do Atlético, quando o jogo se desenvolvia com rapidez invulgar, os «azuis» não perderam a serenidade. A prova é que, dominados territorialmente, se mostraram em geral mais agressivos e práticos próximo das balizas.

Os do Atlético brilharam a grande altura nesse período: rápidos, de boa articulação, atecipando-se quase sempre, orientaram a partida.

Mas o seu esforço fora colossal, porventura superior às suas forças. E no segundo tempo, o Belenenses pôde manobrar à vontade, cerrando fileiras na defesa e preparando com facilidade a do adversário. O Belenenses realizou as suas combinações de maneira a despedir o golpe mortal. O 3.º golo, no recomeço, abriu o caminho da vitória. E esse golo trazia atrás de si outros. Tantos... que o Atlético desorientou-se por completo e continuou a lutar somente por honra da firma.

O grupos:

Atlético — Correia; Rosário e Abreu; Armando Carneiro, Pereira e José Lopes; Barbosa, David, Gregório, Rogério e Caninhas.

Belenenses — Sérgio; Vasco e Serafim; Rebelo, Feliciano e David; Nunes, Vicente, Sidónio, Pinto de Almeida e Narciso.

A "graça" da semana



— O Benfica mais uma vez não ganhou para... e susto!...

MAIS uma vez perdeu o Olhanense na frente do Sporting. O resultado indica-nos que os «leões» tiveram alguma dificuldade, pelo menos aparentemente, mas na verdade tal não sucedeu. A equipa leonina jogou pouco, sem dúvida alguma, mas o suficiente para marcar 3-1 e destruir aos algarvios uns projectos que duram desde há anos, desde sempre.

Os apreciadores do jogo não gostaram, e segundo parece com muita razão, pois nem o Sporting jogou bem nem o Olhanense foi o adversário rijo e seguro de outros encontros.

A deficiência mais notada nos vencedores: falta de remate. E tem certa graça o facto, sabendo-se que é poderosa a força dos deanteiros campeões, hábeis a disparar e a envolver as defesas adversárias. No domingo, Pyroteo fálhou alguns remates, mas Abraão actuou com certo cuidado na sua frente — inutilizando o maior número.

A formação olhanense não revelou o mesmo acerto técnico de outros desafios. A defesa manteve as mesmas características, mas Eminência, Rodrigues e Grozina nem sempre intervieram com felicidade. O resul-

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1
Telefone: 31107 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAFURA, LIMITADA
SILVAS LIMITADA

Visto pela Comissão de Censura

tado, dada a forma como as equipas actuaram e somadas as ocasiões perdidas pelo Sporting, pode considerar-se lisonjeiro para os visitantes.

Os grupos:
Sporting — Azevedo; Barrosa e Juvenal; Canário, Moreira e Mateus, Martins, Vasques, Peyroteo, Travassos, e Albano.

Olhanense — Abraão; Rodrigues e Ribeiro; Acácio, Eminentino e Graçana; Soares, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Carmo.

NO Estoril deu-se uma surpresa! Não por ter pertencido a vitória ao grupo da casa, mas pela expressão dos números — que poucos esperavam. A equipa de Braga apresentou-se desfalçada — Joaquim, Cassiano e Alvaro Pereira — e esse facto não pode ser esquecido na apreciação do «desastre».

Mas também pode ser que o Estoril tenha dado principio a uma reacção forte. O jogo nem sempre se manteve dentro dos limites da delicadeza, mas o começo fulgurante dos astorilistas deve ter servido para surpreender e criar um ambiente combalativo.

Alinharam:
Estoril — Sebastião; Oliveira Vieira e Alberto; Cassiano, Eloi e Nunes; Lourenço, Vieira, Mota, Hernani e Raul Silva.

Sporting de Braga — Marques; Faria e Moreira; Daniel, Sobral e António Marques; Dias-antão, Eloi, Mário, Adolfo, e Frederico.

EM Guimarães não teve sorte o guarda-redes Pinto Machado. O conjunto vimaranense, porém, conseguiu impressionar a defesa encarnada, contribuindo para o desacerdo do homem da baliza.

Que o jogo, por emotivo e equilibrado, despertou o entusiasmo da numerosa assistência. O Vitória de Guimarães não é equipa de se deixar bater facilmente e seja qual for o adversário terá de jogar no seu campo o mais cautelosamente possível.

Não pode por isso surpreender o empate, que até o fim do encontro esteve ameaçado por uma possível vitória dos minhotos. E como outros bons grupos tem de passar por Guimarães — ver-se-á...

Os grupos:
Vitória de Guimarães — Machado; Ferreira e Costa; Armando, Curado e Jorge; Franklin, Miguel, Briso, Custódio e Teixeira.

Benfica — Pinto Machado; Jacinto e Fernandes; Moreira, Félix e Francisco Ferreira; Rogério, Melão, Espírito Santo, Arsénio e Vítor Baptista.

AO Porto calhou uma jornada algo fácil de passar. Os portuenses exibiram-se com acerto, principalmente na 1.ª parte, mas os setubalenses fizeram o possível por embaraçar-lhe os movimentos de boa ofensiva. Mas uma vez pôde salientar-se Vieira, que obteve 3 dos 6 tentos da sua equipa, não lhe ficando Lino muito a distância, pois obteve dois. Quer isto dizer que os extremos portuenses estão a ser bem aproveitados?

Eis como se apresentaram os grupos:

F. C. Porto — Barrigana; Virgílio e Carvalho; Joaquim, Alfredo e Romão; Lino, Araujo, Silva, Francisco e Vieira.

Vitória de Setúbal — Baptista; Primo e Figueiredo; Jacinto, Beirão e Pina; Armando, Rendas, Vasco, Cardoso Pereira e André.

PERDEU o Boavista em Elvas, por 3-0, mas sabe-se que os portuenses jogaram com decisão, obrigando Calleja a exibir-se primorosamente. A equipa norte-nha, no entanto, está em maus lençóis. E' muito possível que aproveite um pouco melhor os jogos futuros, no Bessa, mas começa a ser tarde...

As equipas:
O Elvas — Calleja; Galinho e Oliveira; Castilho, Neves e Sousa; Vieira, Massano, Patalino, Rato e Manuelito.
Boavista — Mota; José Caído e Ramos; Garcia, António Caído e Serafim; Lourenço, Faustino, Armando, Fernando Caído e Barros.

OLusitano ganhou no seu campo de Vila Real de Santo António no estreante do torneio — *Sporting da Covilhã*, cujo comportamento foi valoroso. Perder por um golo apenas no Algarve não defaz na categoria dos «leões» serranos. Estes entregaram-se a um jogo enérgico na defesa e voluntarioso no ataque, suportando com galhardia a ameaça dos «lusitanos». Por fim — os algarvios impuseram-se, como era natural.

Alinharam:
Lusitano — Isaurindo; David e Branquinho; Mortágua, Caldeira e Faustino; Almeida, Calvino, Macedo, Germano e Angelino.

Sporting da Covilhã — Ramalho; Roqui e Leopoldo; Pedro Silva, Pedro Costa e Fialho; Livramento, Teixeira da Silva, Carlos Ferreira, Fonseca da Silva e José Pedro.

Previsões da 8.ª Jornada

PARA satisfação do nosso abalado prestígio de profeta da bola, não nos saímos muito mal com as últimas previsões. Um resultado certo (Porto-Setúbal), três aproximações muito aproximadas e dois retundos fracassos (Tapadinha e Estoril). Consideramos os resultados destes últimos imprevisíveis, absolutamente fora do alcance dum cérebro equilibrado como o nosso.

No próximo domingo efectua-se os seguintes jogos:

- Belenenses-Sporting (3-2)
- Benfica-Atlético (5-2)
- Olhanense-Estoril (1-4)
- Boavista-Lusitano (2-1)
- Sp. Braga-Elvas (4-1)

MARCADORES

Marcaram-se 38 golos na última jornada — mais 19 em relação a penúltima. O maior número foi conseguido no Belenenses-Atlético (7-1).

Vejam, portanto, a classificação actual dos marcadores, nestas 7 jornadas:

Com dezassete golos: Fernando Peyroteo (*Sporting*).

Com oito: Lourenço (*Estoril*) e Sidónio (*Belenenses*).

Com sete: Franklin (*Vitória de Guimarães*) e Vieira (*Porto*).

Com seis: Mota (*Estoril*).

Com cinco: Albano (*Sporting*), Araujo (*Porto*) e Patalino (*Elvas*).

Com quatro: Jesus Correia e Vasques (*Sporting*), Frederico (*Braga*), Carlos Ferreira (*Covilhã*), Angelino (*Lusitano*) e Vieira (*Elvas*).

Com três: Travassos (*Sporting*), Rogério e Barbosa (*Atlético*), Melão (*Benfica*), Custódio (*Guimarães*), Vicente (*Belenenses*), Sanfins (*Porto*) e Oliveira (*Elvas*).

Com dois: Dismantino (*Braga*), Corona, Júlio, Arsénio e José da Costa (*Benfica*), Campos e Vasco (*Vitória de Setúbal*), Macedo (*Lusitano*), Frade e Nunes (*Belenenses*), Moreira e Soares (*Olhanense*), Lino (*Porto*), Gregório (*Atlético*), Raul Silva (*Estoril*), Livramento (*Covilhã*) e Briso (*Guimarães*).

Com um golo: Canário e Martins (*Sporting*), Narciso, Fidalgo, Rebelo e Matos (*Belenenses*), Romão e Fandiño (*F. C. do Porto*), Nunes, Correia dos Santos e Alberto (*Estoril*), Roqui, Fialho, Fonseca e Tomé (*Covilhã*), Marques, Cassiano, Mário e Daniel (*Braga*), Cabrita e Carmo (*Olhanense*), Massano e Carvalho (*Elvas*), Vieira, Alcino, Garcia, Serafim, F. Caído, Armando e Passos (*Boavista*), Almeida, Cantinhas e Ben David (*Atlético*), Teixeira da Silva e Miguel (*V. Guimarães*), Espírito Santo, Rogério e Francisco Ferreira (*Benfica*), Almeida (*Lusitano*), Rendas, Cardoso Pereira (*Vitória de Setúbal*) e Primo (a favor do *Covilhã*, na própria rede setubalense).

V. Setúbal-V. Guimarães (1-1)
Sp. Covilhã-F. C. Porto

Como o leitor poderá verificar na lista acima, a nossa tarefa está hoje muito facilitada, pois não há que hesitar...

Para começar temos um Belenenses-Sporting! Nada mais simples, como vêem. Evidentemente, não fazemos a mais pequenina ideia sobre qual será o vencedor! (Aliás, mesmo que a tivéssemos, o leitor não se importava nada com isso, pois deserto já tem formado o seu prognóstico pessoal, o qual muito naturalmente, lhe merece muito maior crédito do que o nosso!)

O próximo desafio das Salséias presta-se a interrogações pomposas, como por exemplo: — Qual levará a melhor: a grande realidade do futebol português — o ataque «leoniño» — ou a cortácea «defesa» do Belenenses? Ou: quem vencerá? Os pupillos de Cândido de Oliveira ou os de Tavares da Silva? Ou, ainda, com simplicidade espartana: Ganharão os «leões» ou os «zuzus»? Mistério. Talvez ganhem os dois — um ponto cada um!... Tudo possível...

— O desafio do Campo Grande é outro duelo inter-lisboense. Equivale a dizer que é jogo equilibrado, pois está mais que visto que já não há jogos fáceis. Os «encarnados» procuram a todo o custo levar uma pontuação condigna para o Estádio Nacional, no outro domingo. E' de crer que consigam mais dois pontos, atendendo a que jogam na sua «estancia de madeiras» 3-1 é o nosso vaticínio.

— Tarefa mais difícil é a do Estoril, que vai visitar o Algarve. Os 4-1 da época passada não chegam para nos desfazer a impressão de que o Olhanense conseguirá um triunfo, a confirmar as boas provas que tem prestado, mormente no seu reduto. Prevemos-lhe a vitória por 2-1.

— Vamos lá ver qual é mais teimoso: se nós se o Boavista! Pela terceira vez vaticinamos-lhe uma vitória. Sempre queremos ver se os simpáticos «xadrezados» insistem em contrariar o nosso prognóstico! Já agora, para continuarmos na teima, insistimos na marea de 3-2...

— Se atendessemos unicamente aos números da época passada, vaticinaríamos numa vitória do Sporting bracarense por 5-0! Mas como nos repugna acreditar que os «elveneses» se limitarão a ver marcar, acrescentamos que Patalino ou um dos seus camaradas hão-de meter também um ou dois golos, para os do outro lado não ficarem a rir...

— A luta entre os Vitórias deve resolver-se a favor daquele que meter mais golos. Felta esta ousada previsão, só nos resta indicar os números: 1-0, por causa do raciocínio que se vai verificando nos «ativos» das equipas.

— Onde o Benfica e outros mais haquearum, passará o F. C. do Porto? — é a pergunta que se impõe. Para responder, no nosso cérebro desenvolve-se um complicado cálculo: o Olhanense empatou na Covilhã e F. C. do Porto venceu em Olhão — logo os portuenses devem ganhar também aos «leões» da Serra! Curioso o nosso raciocínio, não é verdade?

Ao fim e ao cabo, a nossa última previsão da jornada é: 2-1 a favor dos portuenses.

Classificação Geral

	CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Sporting	7	4	—	—	27-6	2	—	1	7-4	6	—	1	34-10	12	
F. C. Porto	7	3	—	1	11-3	2	1	—	8-3	5	1	1	19-6	11	
Benfica	7	2	1	—	8-1	2	1	1	6-5	4	2	1	14-6	10	
Belenenses	7	2	—	1	9-2	2	1	1	10-5	4	1	2	19-7	9	
Sp. de Braga	7	2	1	—	4-2	2	—	2	7-11	4	1	2	11-13	9	
Vitória (G.)	7	2	1	—	11-5	1	1	2	3-7	3	2	2	14-12	8	
Estoril	7	2	2	—	13-6	1	—	2	6-10	3	2	2	19-16	8	
Elvas	7	2	1	1	10-7	—	1	2	4-8	2	2	3	14-15	6	
Olhanense	7	2	—	1	6-3	—	1	3	2-6	2	1	4	8-9	5	
Sp. da Covilhã	7	2	1	—	6-1	—	—	3	4-12	2	1	4	10-13	5	
Atlético	7	2	1	2	8-14	—	1	2	5-10	2	1	4	13-24	5	
Lusitano	7	1	1	2	4-5	—	2	1	4-10	1	3	3	8-15	5	
Vitória (S.)	7	1	—	2	4-5	—	1	3	2-13	2	—	5	6-18	4	
Boavista	7	—	1	2	5-10	—	—	4	2-22	—	1	6	7-32	1	



FREDERICO

O número "11" do Sporting Clube de Braga é um jogador útil e animoso

«Sou uma «mascote». Nunca perdi um jogo decisivo...»

QUEM não terá notado ainda a vivacidade, entusiasmo e alegria de jogar do veloz extremo-esquerdo de Braga? Cremos que a resposta não pode deixar de ser afirmativa, porquanto Frederico é um jogador que, mesmo nas tardes mais «cinzentas» se vê sempre em campo, sem um desfalecimento. Conhecemo-lo de perto e porque sabemos algo acerca do seu modo de ser, pelo que se torna agradável e simpático, quisemos auscultar mais intimamente as

as suas opiniões — para as tornar conhecidas. E os seus golos de boa marca? Neste capítulo, Frederico é, evidentemente, um jogador utilíssimo, pois alia às suas virtudes atléticas um entusiasmo excepcional que faz arrastar consigo, por vezes, não só todos os companheiros, como o próprio público que se levanta, que grita, incitando os seus «rapazes». É um delicado coleccionador de emblemas desportivos possuindo no seu vastíssimo «arquivo» os de muitos clubes de Portugal, Espanha e outros países.

Eis o que nos diz Frederico ao ter conhecimento dos nossos desejos de o entrevistar:

— Não calcula o prazer que sinto por me proporcionar esta entrevista pois tenho pela «Stadium» uma admiração que vem dos tempos de infância, quando eu não podia fazer mais que vê-la a «prestações nos quiosques ou agências»...

«Sou alfacinha puro, pois nasci em 14 de Abril de 1922 na freguesia de Santa Isabel (Campo de Ourique). Dei os primeiros pontapés oficialmente, aos 19 anos, no Águia Sport Clube, onde joguei duas épocas tendo sido depois transferido para o «Fósforos» onde me conservei por 3 anos.

— Depois?

— Vim para Braga onde jogo há três épocas no clube «rubro-branco».

— No jogo de passagem que o «Fósforos» teve de disputar com o Estoril, eu alinhel por aquele clube. Vencemos esse jogo pelo que o Fósforos subiu à Primeira Divisão de Lisboa, obrigando o categorizado Estoril a ocupar na Segunda a vaga que a nossa ascensão provocara. Assietiram a esse jogo in-



Frederico conversa amavelmente com o nosso prezado colaborador Benigo da Cruz, e fala-lhe da sua vida de futebolista



Frederico, o n.º 11, sempre em luta, não deixa os guarda-redes descansarem...

quecível o nosso saudoso Presidente Sr. José Antunes Guimarães e o Sr. Alberto Augusto, ex-treinador do Sporting Clube de Braga. A minha actuação parece que lhes agradou pelo que fui convidado a vir para aqui, ao que acedi depois das «formalidades» que o assunto requeria. Não me arrependi por ter vindo, pois encontro-me numa terra onde tudo me agrada e onde não são esquecidas, seja por quem for, as normas da boa hospitalidade.

— Qual é o seu lugar preferido no «team»?

— Sempre gostei do lugar de «interior» porque não gosto de estar parado. Alberto Augusto, todavia, des-

cobriu que eu era «extremo» e não interior. Confesso que me adaptei com facilidade ao lugar.

(Continua na página 14)

O PORTO FIXA-SE NO 2.º LUGAR

Fotos HERMANN



Lino e o argentino Fandiño em luta cerrada com a defesa de Setúbal

Um defesa setubalense procura cortar o passo a um homem do Porto...



Araujo marca, com estupenda oportunidade, o 2.º golo do Porto





O defesa Felix, do Benfica, intervem com êxito e desarma Miguel

O EMPATE DE GUIMARÃES



Fotos BENIGNO CRUZ

Rogério, no seu estilo característico, vai marcar o 2.º golo do Benfica



Grande perigo para o Benfica! Pinto Machado está batido e no chão, e a bola encaminha-se para as balizas desertas. É o 2.º golo de Guimarães

TENENTE RODRIGO DA SILVEIRA

UM NOVO VALOR QUE SURTIU NO HIPISMO NACIONAL

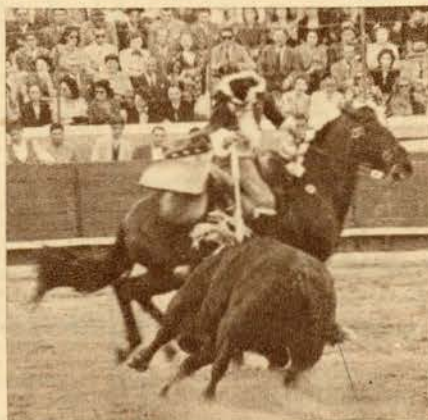
NO hipismo, como de resto nos outros desportos, nem todos os elementos que aparecem a praticá-lo atingem lugar de relevo. Se uns se notabilizam mais, ou pelas suas qualidades ou pelas qualidades dos seus cavalos, outros há que, apesar da sua boa vontade não conseguem fazer-se notar, sem que por isso não sejam crêdores da nossa admiração. A persistência, na prática de qualquer modalidade desportiva, mesmo na ausência de verdadeiras qualidades natas, merece ser acatada.

Há ainda aqueles que revelam valor mas que não



O «Belver» montado impeccavelmente pelo tenente Rodrigo da Silveira, transpõe com brilho um «cozer» de respeitáveis dimensões

UM TOURO QUE NÃO ESQUECE!



Há muitos anos que não aparecia em Lisboa um touro de lide como um de Vaz Monteiro, na corrida de beneficência que a senhora condessa da Torre organizou na praça de Algés. Abatido no Matadouro de Sintra pouco, em limpo, 288 quilos, o que significa que pesava entre 500 a 600, no total. Os críticos chamaram-lhe «elefante», «montanha de carne», «locomotiva», etc., não só por ser muito grande, mas por ter arrancadas muito velozes. O cavaleiro José Rosa Rodrigues lidou-o como podemos ver na fotografia que pode servir de modelo, porque o ferro está a ser cravado dentro de todas as regras e com o maior valor: ao estribo, perpendicularmente na cruz. De acontecimento, escreveu o nosso querido colaborador Rogério Peres: «Pode gabar-se de que lidou um touro do tempo da Praça do Salitre, mas no estilo de 1948».



O tenente Rodrigo da Silveira e o «Bajone», depois da vitória alcançada na «Omnium» do Concurso Internacional de Cascais

conseguem nunca adaptar-se aos cavalos que lhes são distribuídos, ou por manifesta falta de sorte, ou também porque essa circunstância os desgosta e os afasta das pugnas desportivas.

Só de tempos a tempos surge um «ás», desses poucos que, desde logo, marcam a sua posição e se impõem à observação do público, que começa a examinar-lhes as qualidades e a antever-lhes um bom futuro.

Ainda hoje se recordam os aparecimentos de Helder Martins — há cerca de 28 anos — o de Correia Barreto, em 1932, e muito mais recentemente o de Henrique Calado, por coincidência os três componentes da equipa olímpica que, este ano em Londres, disputou o «Grande Prémio das Nações».

Estes como muitos outros — impossível seria mencioná-los todos — quando apareceram, impuseram-se logo como cavaleiros de grande classe e a sua actuação tem, amplamente, confirmado os vaticínios que desde logo se fizeram.

Julgamos estar agora na presença de um caso semelhante. Pensamos — e julgamos pensar bem — que no hipismo nacional surgiu um novo valor, um dos tais que só aparecem de tempos a tempos, mas que prometem chegar longe se o destino e a sorte os ajudarem a vencer os escolhos e as dificuldades.

(Continua na pág. 14)



O tenente Rodrigo da Silveira passa com evidente correcção a cancela triangular montando o «Bajone»

XADREZ

Rescaldo do 3.º Portugal-Espanha

HÀ derrotas que não têm o mesmo significado amargo da sujeição inexorável do mais fraco perante a superioridade do mais forte. O resultado do 3.º Portugal-Espanha em Xadrez está neste caso.

Perder com a equipa nacional de Espanha por uma diferença de 5 vitórias, obtendo um terço das possíveis, é um resultado que, longe de nos diminuir, quase nos honra!

Para nós, o que mais nos aprazou observar no match, foi que os melhores jogadores espanhóis não conseguiram levar a melhor com os nossos melhores, também. Nos quatro primeiros tabuleiros registaram-se uma vitória para cada lado, excepto num, em que ambas as partidas ficaram empatadas.

Lupi é tão bom ou melhor ainda que Perez — campeão de Espanha! E Ribeiro é um jogador mais completo, mais perfeito do que Pomar! Leonel Pias, em genialidade, pode sofrer confronto com os melhores xadrezistas ibéricos. E Gonçalves provou não ser inferior à grande revelação da mocidade espanhola — Toran!

Consigamos dez jogadores como Ribeiro ou Lupi — e a causa do xadrez português estará ganha.

A sessão da Póvoa de Varzim foi presenciada por muitíssimo mais público do que a de Lisboa. Os norteños, aos quais é tão raro oferecer pugnas internacionais, sabem corresponder com o seu apreço a todas as iniciativas feitas nesse sentido. Foi pena, por isso, que os xadrezistas portugueses integrados na equipa, não tivessem podido repetir a boa actuação do turno disputado na capital.

Leonel Pias, vencedor fácil na primeira volta, foi surpreendido pelo excelente jogo praticado por Fuentes, consentindo uma interessante combinação que ditou a sorte da partida. João Maria Ribeiro poderia repetir a sua proeza do «match» anterior, em que conseguiu uma vitória e um empate, se não fora a sua maior dificuldade de sempre: jogar «apertado» pelo tempo. De certo tirará vantagem do treino de partidas «ping-pong».

Alexandre Gonçalves conduziu uma «siciliana» com as brancas, sem grandes rasgos, pois Toran

replicou com acerto. Ambos se estrearam como «internacionais» e tiveram como preocupação predominante não perder.

O dr. Encarnação sofreu nova derrota, esta mais nítida, pois Albarreda dominou sempre as casas críticas do tabuleiro, numa notável demonstração de jogo táctico.

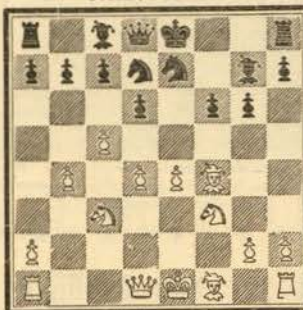
Dos lisboetas, na 2.ª sessão, só J. Dorez perdeu, sendo flagrante a sua falta de preparação. A sua inclusão na equipa justifica-se, no entanto, pois dera boas provas na época passada e empatou recentemente com o dr. Bernstein.

A vitória mais sensacional pertenceu a Francisco Lupi, que, explorando magistralmente um lance fraco na abertura, logrou bater o campeão de Espanha em 26 lances! Sob o ponto de vista posicional, é uma das mais bonitas vitórias de Lupi. O triunfo inesperado de Marçal Rocha, quando a sua posição era já quase desesperada, teve origem num lapso do espanhol, bem explorado pelo nosso compatriota. O meritório empate que Helder Sardinha impôs ao ex-campeão de Espanha, José Sauz, consagrou definitivamente o jovem campeão do I. S. Técnico — talvez um futuro campeão de Portugal!...

Vasco C. Santos

Um «Instantâneo» do 3.º Portugal-Espanha

Pretas: FUENTES



Brancas: L. PIAS

Nesta bizarra posição (compare-se com a fotografia publicada no nosso último número), Leonel Pias tinha acabado de jogar 9. Piv-25, a que Fuentes replicou com pelo toma peão. O efeito foi desastroso... para as cores espanholas é claro. Veja o leitor como se ganha uma «torre... ou a «Dama» — e como os «mestres» também erram!

No próximo número

de 10 de Novembro

publicamos a Separata a cores da Seleção Nacional que em 1947 venceu a Espanha por 4-1

Aos nossos Agentes e compradores recomendamos que façam desde já os seus pedidos à Administração da «Stadium», Rua da Rosa, 252

Segunda Divisão

Eis os resultados da última jornada:

Casa Pia...	0	—	Cuf Barreiro.	1
Oriental....	2	—	C. Piedadé...	5
Luso Barreiro	1	—	Montijo....	0
F. Benfca...	0	—	Barreirense..	0
Sanjoanense.	2	—	Famellção ..	2
Vianense....	4	—	Sp. Feife....	1
Oliveirense..	1	—	Vila Real....	0
Académico..	4	—	Leixões....	7
Naval.....	0	—	Académico ..	4
G. Alcobaca	3	—	C. Branco...	1
«Leões»....	0	—	Acad. Viseu ..	2
Un. Colmbra	3	—	Ferrovários..	1
U. Montemor	2	—	Portimonense	0
Campomelor	5	—	Desp. Beja..	4
Sp. Farense ..	3	—	Portalegrense	1
B. Esperança	5	—	Moure.....	2

Dois equipas obtiveram excelentes triunfos «fora de casa»: Académico de Viseu e Desportivo da Cova da Piedade. Os beirões marcham orgulhosamente na vanguarda da classificação, na sua série, com 2 pontos, e seguram-nos com a ideia firme de se não deixarem surpreender. A equipa do lado lá do Tejo, algumas vezes apanhada em falso, desforrou-se no domingo contra um adversário de bom quilate: — o Oriental.

Nos outros campos, os resultados foram mais ou menos normais, salvo

a vitória do Farense contra o Portalegrense. E' certo que alguns grupos categorizados cederam pontos no campo dos adversários. Isso, porém, não pode surpreender.

Concluiu-se a primeira Volta, com as equipas assim colocadas:

Zona A — 1.º Famalicao e Vianense, 10 pontos; 3.º Oliveirense e Leixões, 8 p.; 5.º Vila Real, 7 p.; 6.º Académico do Porto, 6 p.; 7.º Sanjoanense, 4 p. e 8.º Sporting de Fafe, 2 p.

Zona B — 1.º Académico de Viseu, 12 pontos; 2.º Académica de Colmbra, 10 p.; 3.º Leões de Santarém, e União Colmbra, 8 p.; 5.º Alcobaca, 5 p.; 6.º Castelo Branco, 6 p.; 7.º Naval da Figueira, 3 p.; e 8.º Ferroviários do Entracamento, 2 p.

Zona C — 1.º Oriental e Cova da Piedade 10 pontos; 3.º Cuf do Barreiro 9 p.; 4.º Barreirense 8 p.; 5.º Montijo 7 p.; 6.º Futebol Benfica e Luso do Barreiro 6 p.; e 8.º Casa Pia, 0 p.

Zona D — 1.º Portimonense e Portalegrense 10 pontos; 3.º Desportivo de Beja e Boa Esperança 8 p.; 5.º Farense e União de Montemor 7 p.; 7.º Campomaloreense 6 p. e 8.º Atlético de Moura 0 p.

CICLISMO

Nova vitória de Império dos Santos

OS 120 quilómetros do «Circuito da Lourinhã», organizado pelo Atlético local, foram percorridos em 4 horas e 15 segundos pelo valeroso corredor do Benfica, Império dos Santos, que voltou a fazer alarde da sua magnífica forma, triunfando com muito merecimento, e com cerca de 5 minutos de avanço, sobre o pelotão comandado pela seu colega de equipa António Maria.

As vitórias do apreciado corredor, desde que terminou a Volta a Portugal, têm provocado justificado entusiasmo, criando à volta do seu nome uma aureola de prestígio que se reflete na popularidade que já alcançou.

As dificuldades do percurso, nas quais se salientava a subida do Perdígão, tornaram a prova dura o que, de certo modo, justifica que a média horária não fosse famosa.

Foi precisamente nesta subida que na 4.ª volta Império dos Santos fugiu do pelotão, ganhando avanço apreciável, que rápida-

mente foi aumentando até entrar destacado na meta.

António Maria creditou-se no segundo posto da classificação, seguido de Manuel Jorge, do Sangalhos e de Júlio Mourão, também da equipa do Benfica.

Os encarnados ganharam por equipas, conquistando a «Taça Câmara Municipal da Lourinhã», cabendo a «Taça Grémio da Lavoração» ao Desportivo da Malveira, graças à boa classificação de Túlio Pereira e de José Ferreira, que entraram em 5.º e 7.º lugares.

As voltas foram ganhas: por Guilherme Jacinto, a primeira, e as restantes por Império, o que avolumou os prémios conquistados pelo Benfica.

Houve apenas uma desistência — a de Onofre Tavares.

O público acompanhou a prova com interesse e manteve a assistência dos corredores «leioninos», que, segundo nos informam, deram por finda a temporada.

A. T.

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

340 PÁGINAS
200 GRAVURAS

E' definitivamente posto à venda no princípio do próximo mês

PREÇO DE CAPA — ESC. 40\$00

Pedidos à Administração da STADIUM — Rua da Rosa, 252

LISBOA — Telefone 31187

JOAQUIM MARQUES

presidente da A. N. L.

aprecia a última temporada natatória e analisa alguns problemas da modalidade



JOAQUIM MARQUES

O penúltimo domingo de Outubro marcou o termo da temporada natatória de 1948. Durante seis meses, a excelsa modalidade registou actividade verdadeiramente invulgar. Muitas foram as jornadas que ficaram a caracterizar agradavelmente a época que há pouco teve o seu epílogo. A sua análise, oportunidade magnífica para passar em revista alguns dos mais importantes problemas da natção, impunha-se. Aliás, a revisão mais ou menos circunstanciada da actividade natatória da chamada época de verão, é trabalho já tradicional nestas colunas. Este ano não podíamos, pois, fugir à regra.

Nestas condições — por amabilíssima deferência para com «Stadium» — temos hoje o prazer de arquivar o depoimento do presidente da Associação de Natção de Lisboa, o nosso prezado amigo Joaquim Marques.

Com perfeito conhecimento de causa e apreciável desassombro, Joaquim Marques — dirigente com larga folha de serviços prestados à natção, quer dentro do Sport Algés e Dafundo, quer nos organismos orientadores da modalidade — expôs a sua opinião e os seus pontos de vista, os quais procuramos reproduzir com toda a fidelidade.

Tem pois a palavra o presidente da Associação de Natção de Lisboa.

Uma pergunta que se impunha, aliás, a primeira que colocamos: — Como aprecia a temporada natatória de 1948?

— A meu ver, a época que há pouco terminou foi das mais movimentadas, senão a mais movimentada de todos os tempos. E como normalmente acontece, houve de tudo — bom e mau...

E desenvolvendo o seu pensamento:

— Começemos pelo que houve de mau. Neste aspecto, quero referir-me ao abandono de dois grandes nomes da natção lusitana: Mário Simas e João da Silva Marques. Foram, sem sombra de dúvida, dois golpes profundos que em muito vieram baixar o nível técnico da modalidade. Torna-se, pois, necessário que os novos — que os possuímos, felizmente, em quantidade razoável se esforcem por preencher, o mais rapidamente possível, estas duas importantes baixas.

— E foi tudo o que houve de mau?...

— Infelizmente não. Tenho ainda a acrescentar a partida para Africa do estorilista José de Al-

meida Figueiredo, um dos novos de quem havia muito a esperar. E também dentro do aspecto negativo, na minha opinião pessoal, a realização do encontro Portugal-Espanha. Não se julgue, porém, que faço esta afirmação pelo facto de termos perdido por larga margem de pontos. Não. Sou até apologista de que, em desporto, perder ou ganhar é mero acidente. Simplesmente os nossos vizinhos não são da mesma opinião, como ainda recentemente se verificou ao recusarem-se a disputar o Portugal-Espanha, em atletismo. Quer-me, pois, parecer que se nós, por exemplo, dentro de dois anos possuímos uma equipa de nadadores capaz de bater a espanhola, talvez surgisse qualquer desculpa que levasse à não realização do encontro entre os dois países...

Qual, em sua opinião, o aspecto positivo, ou seja, aquilo que houve de bom na temporada de 1948?

— Em primeiro lugar, o elevadíssimo número de provas realizadas, bem como a sua diversidade. Houve de tudo: provas de rio e de mar, festivais nas docas, nas piscinas regulamentares, nas de tamanho reduzido, e até uma curiosíssima ginca... Neste aspecto, é curioso assinalar — e sublinhar — que desde a abertura da época, em 9 de Maio, até 24 de Outubro, houve apenas um domingo em branco. Se acrescentarmos os numerosos festivais realizados às quintas-feiras e os domingos em que se realizaram duas, três e até quatro reuniões, em locais diferentes, servindo finalidades diferentes, teremos uma ideia do que foi a extraordinária actividade do verão de 1948.

— Perfeitamente. E no que toca a nadadores e clubes?

— Quero, em primeiro lugar, registar com prazer, o regresso à prática da modalidade, de Joaquim Baptista Pereira que veio trazer grande animação às provas de rio e de mar e insuflar vida nova ao seu clube — o Alhandra — que andava um tanto afastado da prática da natção. Além disso, quase todos os clubes filiados, que praticam a modalidade, organizaram festivais. Estão neste caso o Nacional de Natção — que homenageou três dos seus antigos atletas, — o Clube Sportivo de Pedrouços — que continuou as suas velhas tradições, — «Os Be-

lenenses», em boa hora regressados a tão útil desporto, o Alhandra, Cimento Tejo, Desportivo de Paço de Arcos — que organizaram travessias nas localidades onde têm as suas sedes, — o Naval de Cesimbra — a quem pertenceu a melhor organização da época — e o Adiceense, que em colaboração com a A. N. L. realizou um belo festival na doca de Santo Amaro. Não esqueço, como é de inteira justiça, o Algés e Dafundo, que continua a ser o expoente máximo da natção portuguesa, na sua obra de propaganda, divulgação e ensino, como tão claramente o demonstrou a sua festa de encerramento das escolas. O Estoril Praia, se bem que não organizasse qualquer festival, foi, no entanto, o grande animador das provas de competição.

— E no que se refere, propriamente, às provas de mar?

— Em minha opinião, as que se realizaram em 1948, superaram de longe tudo o que se tem feito entre nós, nesse capítulo. Desde as provas de preparação, organizadas pela A. N. L., até à tradicional Travessia do Tejo, passando pela inolvidável travessia de Cesimbra e pelas provas de Alhandra e Paço de Arcos, houve nada menos de oito provas de rio e mar. E todas se revestiram — acentue-se — de apreciável animação e brilhantismo.

— No que toca ao número de concorrentes...

— O seu número foi bastante elevado. Mas poderia ser muito maior se as incompreensíveis disposições regulamentares não impedissem a participação, em tais provas, de nadadores iniciados e principiantes...

Entramos assim, naturalmente, noutro capítulo da entrevista. Arriscamos a pergunta:

— Nesse caso, em sua opinião...

— Em minha opinião, confesso-lhe que não compreendo como se possa limitar a actividade dos atletas pela idade. E' que, realmente, parece-me que há «rapazes» de 40 anos e «velhos» de 25... E', portanto, partidário de liberdade absoluta?...

— Não. Procuremos atingir a virtude que, segundo dizem, parece residir no meio termo... Quanto a mim, há realmente que rever o assunto e regulamentá-lo por forma a não prejudicar a mocidade e a evitar os excessos que

são sempre prejudiciais. No entanto, daí a proibir que um atleta feito e perfeito, dotado de faculdades invulgaras, esteja inibido da percorrer determinadas distâncias, vai certa distância...

Documentando o seu pensamento, o nosso amável entrevistado prossegue:

— Há em vista o recente exemplo dado, na última Travessia do Tejo, pela nadadora do Algés, Maria Luíza Malheiro da Silva que apesar de não ter ainda 15 anos, cobriu o percurso da Trafaria a Pedrouços como só uma verdadeira campeã o podia fazer.

— Qual, então, o caminho que em sua opinião se devia seguir?

— Primeiro, permitir a participação em provas de competição desde os 12 anos. Depois, seriam os «tempos» que estabeleceriam as diferenças de categoria. Um atleta que conseguisse determinada marca passaria automaticamente à categoria imediata. Haveria, claro está, que estabelecer «tempos» mínimos para escalonar as categorias, as quais seriam, por sua vez, diferentes para o sexo masculino e feminino. Evitar-se-iam desta forma as anomalias que se verificam actualmente de grande número dos nadadores «iniciados» e «principiantes» obterem melhores «tempos» do que os «seniores». Por este sistema, aqueles nadadores que não tivessem condições não subiriam, o que além de provocar o estímulo para aqueles que desejassem ascender à categoria superior, proporcionaria lutas mais equilibradas dentro de cada categoria.

Focado este ponto, aliás, de capital importância, damos rumo diferente à entrevista. Colocamos, pois, nova pergunta:

— Como encara, prezado amigo Joaquim Marques, o futuro da natção portuguesa?

— Para responder a essa pergunta, temos fatalmente que cair no já velho — e sempre novo — problema das piscinas. O problema põe-se facilmente em equação: sem piscinas, a natção não pode de forma alguma progredir. São precisos, antes de mais, muitos tanques-piscinas. Igualmente se faz sentir extraordinariamente a falta de piscinas de inverno, indispensáveis para o treino regular da natção e do «water-polo». Deste problema depende, fundamentalmente, o futuro da natção portuguesa.

O dedicado presidente da Associação de Natção de Lisboa terminou aqui as suas considerações, após ter focado, com desassombro e equilíbrio, alguns dos aspectos de mais interesse para a modalidade. Por nossa parte, cumpre-nos agradecer a amabilidade com que o prestigioso dirigente se colocou à disposição de «Stadium».

Abreu Torres

«O futebol é a minha profissão»

DE TOMMY LAWTON

Publicamos hoje a Separata n.º 13



Sidónio e Narciso observam a defesa de Correia, dizendo lá para os seus botões: — Toma cautela!

NA TAPADINHA

Um resultado histórico



Vicente, decidido, remata de cabeça, mas o seu esforço não resulta praticamente. Correia, rápido, intervem



A marcação ao avançado-centro é estreita. Geralmente, o defesa central corta muito jogo que se dirige ao eixo do ataque. A estampa é elucidativa



4



2



1 — Pereira tapa o caminho a Vicente que, aliás, se revelou como homem de remate; 2 — Correia lançou-se magnificamente, mas a bola passou-lhe fora do alcance

SPORTING CONTINUA EM N.º 1



Cabrita não chega a tempo, e Azevedo defende



Azevedo salta e soca a bola por cima de um atacante algarvio...



A luta é viva e animada junto das balizas de Abraão. É preciso dominar Peyroteo!

Fotos NUNES DE ALMEIDA



Grazina afasta Martins e não o deixa apoderar-se da bola

ESTORIL VENCE BRAGA



1 — Os médios do Estoril intervêm com êxito; 2 — O guardanetes do Estoril acaba de fazer uma defesa sem dificuldade de maior; 3 — Marques executa uma defesa sob as vistas de Daniel



Mário Reis e António Maria, os dois simpáticos jogadores do Benfica, à banca do trabalho, falam de futebol com o nosso prezado colaborador Monteiro Póças

NOVOS VALORES DO FUTEBOL PORTUGUÊS

ANTÓNIO MARIA E MÁRIO REIS

dizem-nos que se sentem admiravelmente no Benfica mas que não esquecem a Académica...

O Benfica no desejo de valorizar cada vez mais as suas equipas de futebol, conseguiu no princípio da época passada os serviços de António Maria e de Mário Reis — os dois esforçados jogadores que, durante alguns anos, foram elementos de grande prestígio dentro do *team* de honra da Associação Académica de Coimbra.

O ingresso dos dois valorosos atletas nas fileiras da grande colectividade lisboeta causou, na altura em que as transferências foram concedidas, uma certa sensação, não só porque as relações entre os dois clubes não eram, no momento, muito amistosas, mas ainda porque o mérito evidenciado por António Maria, e Mário Reis, na equipa coimbrã, garantia aos inúmeros adeptos dos «encarnados» que se tratava de duas esplêndidas aquisições.

E, digamos desde já — a expectativa não iludia, uma vez que, tanto Mário Reis como António Maria têm correspondido inteiramente ao que deles se esperava, defendendo com generosidade e dedicação a camisola do seu novo clube. No entanto o destino tem caprichado em dificultar as boas intenções dos dois simpáticos atletas, perseguindo-os com sucessivos azares e obrigando-os — António Maria, neste capítulo, tem sido, sem dúvida, muito mais sacrificado — a longos períodos de afastamento, com infalíveis reflexos na sua forma física e no seu louvável desejo de adaptação a um ambiente que quase desconheciam.

Apesar de tudo, porém, Mário Reis e António Maria souberam cativar o público benfiquista, podendo afirmar-se que ambos são já considerados como elementos da «casa».

E' este — parece-nos — o melhor elogio que se lhes pode fazer.

(Continua na página 11)

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

No Continente

O famoso duelo entre os dois grandes clubes piemonteses, Turim e Juventus, foi uma vez mais favorável ao primeiro pelo resultado de 2-1. Assistiram 54.826 espectadores.

Na classificação do campeonato segue à frente Turim — campeão da época finda — seguido pelo Lucques. A maior surpresa da jornada foi a derrota do Internacional, de Milão, pelo Génova (4-1).

♦ A Hungria derrotou a Romênia por 5 bolas a 1. Este encontro tem validade para a classificação da Taça dos Balcanes.

♦ Na Austria, o clube mais cotado no campeonato nacional é o Austria S. K. vencedor do Rapid, por 2-1. Em segunda posição segue o Sportklub que bateu o Hochsteadi por 7-0.

♦ O primeiro classificado do Campeonato de Bélgica, agora na 7.ª jornada, é o Racing, de Maelles, deante de Anderlecht, La Gantoise, Berchem, R. C. Bruxelas, etc.

Em Inglaterra

No último sábado efectuou-se a 15.ª jornada do Campeonato Divisão I da liga inglesa, cujos principais resultados foram os seguintes:

Jogando fora de casa contra o Birmingham City, Derby County ascendeu ao primeiro posto, com 24 pontos, batendo o adversário por uma bola a zero. Em segunda posição, segue o Portsmouth, que empatou com o Bolton, sem tentos (2-2 pts.).

Em terceiro lugar encontram-se três clubes de nomeada: Newcastle, vencedor de Liverpool pela diferença mínima, Charlton, que esmagou Sunderland (4-0) e Arsenal, vitorioso sobre o enigmático Chelsea (1-0). Todos possuem 19 pontos.

Stoke venceu Aston Villa (4-2) totalizando 18 pts., instalando-se no 6.º posto. Além dele, segue o Manchester City, que empatou com os Wolves (3-3) e realizou 17 pontos.

Manchester United, derrotando Preston pelo copioso resultado de 6-1, fora de casa — ascendeu ao 8.º lugar (16 pts.), de parceria com Blackpool e Birmingham. Depois, vêm: Wolves (15 pontos), Middles — vencedor de Blackpool pela diferença menor — Bolton e Burnley que dispôs do Sheffield (2-0).

Os três últimos são: Sheffield (7 pts.), Everton (8) e Aston Villa (9) mas o Huddersfield e o Preston (10 pts.) não vão muito distantes, também.

Em Espanha

Os resultados da 8.ª jornada do campeonato de futebol realizado no domingo foram os seguintes:

Oviedo-Celta, 5-2; Corunha-Sevilha, 2-0; Real Madrid Espanhol, 3-1; Terragona-Valhadolid, 4-2; Alcoyano-Bilbau, 1-0; Sabadell-Atlético de Madrid, 1-3; Barcelona-Valencia, 4-3.

A classificação estabelece-se desta maneira: Barcelona (12 pts.); A. Madrid, R. Madrid e Valencia (11 pts.); Espanhol e Terragona (9 pts.); Valhadolid (8 pts.); Celta, Oviedo e Sevilha (7 pts.); Bilbau, Corunha e Alcoyano (6) e Sabadell (2).

BOXE

Nos Estados Unidos

Em Nova York, o conceituado peso-médio Jackie La Mota alcançou uma vitória difícil sobre Vern Lester, ao fim de dez assaltos disputadíssimos.

La Mota, que figurou entre os três primeiros pugilistas mundiais, concluiu o match muito punido apesar dos cinco quilos de vantagem que levava ao adversário.

♦ Em Cincinnati, Jo Waldin, um hercúleo jogador austriaco, que ainda soeira mal a ciência do ringue, saiu derrotado por fora de combate técnico, deante de Waller Hafer. Este cidadão, de quem pouco se conhece, pôde resistir aos potentes punhos do europeu, embora caísse na lona durante o 2.º assalto, por duas vezes. Sempre duro a encaixar soube rasgar um ferimento enorme na arcada supraclavicular de Waldin, no 9.º round, e o árbitro suspendeu o prosseguimento do duelo.

Na Europa

O pugilista italiano Dullio Spagnolo, de categoria suprema, actualmente nos Estados Unidos, foi derrotado por Saint Paul, ao 7.º assalto, devido à intervenção do árbitro. O desfecho efectuou-se em Worcester.

♦ Está assente para Dezembro próximo um «match» entre o negro Ray Robinson, detentor do campeonato de «melo-médios» e o jogador Charlie Fusari, que dispôs do veterano Tippy Lark, por knock-out, há poucos dias.

Na América

Em Charlaroi, o campeão da Bélgica de categoria leve» conservou o título, derrotando por pontos o seu rival, Charles Odon.

José Prys manifestou superioridade, do primeiro ao último assalto, mas não pôde bater o adversário antes do limite.

♦ Está em curso, na capital da Bélgica, uma competição entre pugilistas de categoria máxima, que reuniu cerca de dúzia e meia de inscrições. No número dos concorrentes figuravam, o campeão de Espanha, Paco Bueno, de Holanda, Jan Klein, da França, Estevam Olek, da Bélgica, Piet Wilde.

O grande favorito do torneio é o negro americano Aaron Wilson e a revelação mais natural, o austriaco Curi Schlegl.

Os quartos de final, realizados na semana finda tiveram o seguinte desfecho:

Estevam Olek venceu Nielsen por pontos, em 8 rds.; Wilson derrotou Bigotte, por K.O. ao 1.º assalto; Schlegl ganhou a Wilde, por pontos e Paco Bueno conseguiu derrotar o belga Robert Eugene da igual maneira.

NOTA DA SEMANA

O afastamento sistemático dos países beligerantes vencidos na última guerra, conservando-os à margem das competições desportivas internacionais, voltou a constituir um tema de discussão.

O motivo que originou esse acréscimo de virulência anti-alemã foi, segundo o juízo da imprensa latina, a excursão de vários atletas suecos a Bremen e Hamburgo, onde competiram com adversários germânicos. O coro de protestos que se levantou à roda do assunto feriu a nota lamentável do ódio racial, tanto mais para deplorar quanto é certo que os suecos se conservaram neutrais durante a última guerra, não podendo — por falta de motivo justificado — aliar-se aos vencedores do nazismo na execução de represálias, estranhas à boa índole desportiva.

André Mourlin, antigo atleta e actual dirigente francês, publicou o seu espanio acusando a federação sueca de caminhar demasiado depressa, e fez votos por que a Federação Internacional de Atletismo proíba a sequência de relações entre a Alemanha e a Suécia.

A quatro anos de distância de uma paz precária, quando tudo indica a necessidade imperiosa de fomentar o renascimento da grande nação germânica, para utilidade e benefício do Ocidente da Europa, surgem, ainda, ridículas e despropositadas vozes a pedir sanções, contra o interesse geral de concórdia e apaziguamento.

Compreende-se bem que a França ou a Inglaterra, sangrando nas suas feridas morais ainda abertas, não queiram, por largo tempo, realçar o convívio desportivo com os atletas de Alem-Reno. Mas, que tal atitude deva ser perfiçada pelos países que se conservaram afastados do conflito militar, parece-nos medida severa e demasiada prepotente.

Por outro lado, não deixa de merecer referências, a tolerância dos norte-americanos em face dos mesmos problemas. O jornal berlinense «Abend», submetido ao «controle» dos E. U. A., informa que a Alemanha foi excluída da FIFA em virtude do Dr. Bauwens, dirigente do futebol germânico, ter sido nazista notório. Ainda que esta afirmação seja infundada (o conhecido Jules Rimet assim o declarou, e disse que a falta de unidade e a carência de organização futebolística, na Alemanha, eram as razões essenciais do seu afastamento) não se descobre bem os motivos de tão larga e retinente política de exclusão, além daqueles de carácter anti-germânico.

Parece-nos que seria já tempo de fazer tábua rasa de preconceitos e agravos, ao menos no campo das relações desportivas.

A ideia de paz não pode ser restritiva, mas ampla e total. Querendo-a e necessitando-a, porque falham os povos, ou os seus porta-vozes, no momento de agir em benefício do interesse geral?

Rafael Barradas

TENIS

No campeonato pan-americano que se realizou na cidade de México, e ao qual concorreram algumas das melhores «raquetes» actuais, o jogador checo-eslovaco Jerslav Drobny triunfou no final, derrotando o representante sul-africano, Sturgess, por 9-7, 6-2 e 6-2.

♦ Em Lille, no torneio Internacional de Flandres, o holandês Van Maegeen, nosso conhecido por vencer o campeonato de Cercas de presente época, ganhou ao francês Marcel Bernard, pelo resultado de 1-6, 6-2, 6-3 no desfecho decisivo do campeonato masculino.

CICLISMO

A Volta à Lombardia

Esta importante prova do Calendário da Federação Italiana foi mais uma vez conquistada pelo grande corredor Fausto Coppi. Fazendo gala de muito saber e raciocínio, o ás ligúrico traçou um plano prévio e seguiu-o à risca, arrencando no ponto do percurso que lhe convenia.

Coppi triunfou, assim, pela 3.ª vez nesta corrida clássica, proeza que apenas H. Pélissier, Girardengo, Belloni e Bertali, conseguiram.

Reforma necessária

Já não é de agora que se reconhece a necessidade de reformar os regulamentos em vigor no atletismo português; no entanto, nada ainda foi tentado pelos organismos responsáveis. Na passada semana, na sessão de entrega de prémios no Sporting Clube de Portugal, uma voz autorizada e as suas afirmações, pela categoria do autor, talvez signifiquem felizmente que haja chegado a hora da ambicionada evolução.

O problema é muito mais complexo do que se afigura à primeira vista, porque o número de factores que intervirão na solução é elevado e, por vezes, discordante.

Assim, por exemplo, a alteração das categorias existentes e dos respectivos programas de provas, é uma necessidade indiscutível mas não pode ser decidida sem ponderar a questão da idade dos concorrentes e o referente parecer do Conselho Médico Desportivo da M. P.; porque Portugal é, em todo o Mundo, o país onde mais rigorosamente se zela pela intensidade do esforço desportivo dos jovens praticantes e onde mais rigorosos limites de moderação se lhes impõe.

Até aos 18 anos, as práticas desportivas estão consideravelmente reduzidas e circunscritas por normas concretas, estabelecidas sobre bases de ordem fisiológica das quais podemos discordar mas que somos obrigados a respeitar pelos seus fundamentos científicos.

Por outro lado, se quisermos atingir o pleno desenvolvimento das faculdades atléticas da nossa juventude, há que começar cedo com as práticas da corrida, do salto e do lançamento. Nos Estados Unidos, onde se não pode dizer que vive um povo arruinado pelos esforços físicos exagerados, o ensino dos exercícios de preparação para a técnica do atletismo, começa na escola primária.

Procurando para o nosso caso uma solução consentânea, haveria que instituir uma nova categoria, para os menores dos 16 aos 18 anos, cujo programa de competições seria elaborado de acordo com as indicações das entidades competentes; e poder-se-ia depois transformar o programa dos juniores (mais de 18 anos), dando-lhe a mesma composição dos seniores com redução apenas na distância das provas de fundo.

Mário Reis e António Maria

(Continuação da página 9)

Confiança no futuro

Procurámos os dois antigos académicos para arquivarmos os seus depoimentos nesta tribuna de «novos valores» e fomos recebidos, como calculávamos, com simpática solteira. Roubados alguns momentos aos seus afazeres profissionais, encetámos a conversa, sem que nos fosse difícil obter respostas ajustadas para as perguntas que fizemos.

Mário Reis foi quem «pediu a palavra», para nos dizer:

— A «história» da nossa vida para o Benfica conta-se depressa. O António Maria recebeu um convite, por intermédio de um benfiquista de Coimbra; e eu, idôntemente na qualidade de amigo, acompanhei-o a Lisboa. Assisti a todas as conversas que ele teve com os dirigentes do nosso actual clube e só depois de nos encontrarmos novamente em Coimbra é que eu fui abordado pela mesma pessoa que falara com o António Maria.

«A ideia agradou-me e, passado dias, instalámo-nos na capital por cá ficaremos, segundo creio, por muitos anos e bons...

António Maria, que acompanhava a descrição de sua amiga com repetidos acenos de aprovação, tomou a posição de «orador que se segue» e confessou-nos:

— Dentro do Benfica, temos recebido extraordinárias provas de amizade e receio apenas que não possamos pagar tantas gentilezas. Como sabe, o azar sempre me perseguiu, mas espero que este «meu tempo» passe para, então, provar, a quantos me têm honrado com a sua estima, que sei corresponder às suas constantes amabilidades.

Dirigimo-nos ainda a António Maria:

— A respeito do seu estado de saúde têm corrido alguns boatos alarmantes. Não acha que é boa altura para se esclarecer tudo isso?

— Agradeço-lhe a ideia, pois, de facto, têm chegado nos meus ouvidos alguns rumores que me desagradam inteiramente, visto que não correspondem, de maneira nenhuma, à verdade.

«Estou realmente impossibilitado de jogar porque «ando às voltas» com um atrofamento na perna esquerda, provocado por uma distensão que sofri no jogo com o Boavista, no «Nacional» do ano passado.

Lembramos a António Maria que ele depois disso tomou parte em vários encontros e o valoroso atleta imediatamente nos deu uma explicação:

— É certo que fiz todos os jogos, até ao fim da época — uns quatro ou cinco — mas só no deléso este atrofamento se delectou. Tenho seguido um rigoroso tratamento e hoje sinto-me quase bom.

Mário Reis, que se conservava calado, disse-nos a boa nova:

— Dentro de um mês, o Antó-

nio Maria voltará a alinhar pelo Benfica. O seu estado físico é excelente, à parte, claro, a «questão» da perna. Ainda há dias fomos ao consultório do dr. José Maria Antunes — um dos «grandes» da Académica. Acheu-o bem.

A António Maria cabe agora a vez de responder a uma interrogação nossa:

— Embora não sinta vestígios da lesão que tive na cabeça — e esta opinião foi confirmada por diversos médicos, entre os quais o sr. dr. Adélmo Costa, que me observa, a pedido da direcção do Benfica — continuarei a jogar com a cabeça amarrada com um lenço, que envolve um pedaço de barracha, apenas por elementar precaução.

O assunto ainda nos sagere outra pergunta:

— Mas V., no último jogo da época, contra o Sporting, foi obrigado a abandonar o campo, por indisposição, que muitos atribuíram a essa lesão na cabeça...

A resposta surge, enérgica e concisamente:

— Isso não é verdade! Nessa tarde eu estava muito mal disposto e, ao intervalo, tomei uma garrafa de água mineral. Na segunda parte, ainda me senti peor e o excessivo calor e o esforço produzido fizeram o resto.

E, como «uma desgraça nunca vem só», ouçamos o que Mário Reis nos disse sobre a sua pouca sorte:

— Quando tenha muito menos razão do que o António Maria, também tenho de lamentar a minha pouca sorte...

«Na época passada alinhei algumas vezes na categoria de honra e fiz, por sinal, um bom jogo contra o Porto, na Constituição. Continuei a trabalhar com vontade, mas, pouco depois voltei a «reservar», por uma série de circunstâncias que não conheço inteiramente. Este ano, podia talvez lidar-me durante algum tempo, na primeira categoria, mas uma forte constipação e um ataque de anginas deturaram por terra essa possibilidade.

«No entanto, devo dizer-lhe que me sinto muito bem na «reserva», onde existe esplêndida rapaziada.

Recordando os bons tempos de Coimbra...

Falámos bastante do presente. Justificava-se portanto, que pedíssemos aos nossos entrevistados algumas palavras sobre o passado — um passado que ainda não vai longe mas que já

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

não se recorda sem uma pontinha de saudade...

Os dois benfiquistas pretendem falar ao mesmo tempo e é necessário «orientar os trabalhos»...

Falou, então Mário Reis: — A Académica é um «caso» diferente dos outros clubes. Quando saímos de Coimbra, deixámos lá um pouco da nossa alma e seguimos pela vida fora, sempre agarrados à lembrança do tempo que passámos na Académica, naquele meio tão atraente, que nos prende e nos domina, de forma tão esmagadora...

A um nosso pedido, Mário Reis apenas pôde responder:

— Para mim, os momentos felizes da minha carreira desportiva são todos aqueles em que ajudo a alcançar o triunfo para a equipa que envergo. No caso especial da Académica, vai mais longe: sempre que vestia a gloriosa camisola negra levava satisfeito e sentia-me capaz dos maiores sacrifícios para a merecer e honrar.

— Como chegou à categoria de honra da Académica?

— Duma maneira curiosa, como verá. Por ocasião de uma crise no «steam», em 1940, o treinador Paskas procurou nas equipas dos liceus, alguns jogadores com habilidade. Do meu grupo, saíram, entre outros, o Nana, o Joaquim Albino, o Carado, o Vasco, o Adélio e o Armando.

António Maria mais expansivo de que Mário Reis, conta-nos também, a sua «história»:

— Eu comecei na Naval da Figueira da Foz, a minha terra, até que fui para a Académica, pela mão de Severiano Correia — um excelente treinador e um bom amigo. Ainda na Naval, fui seleccionado aos 18 anos, para um jogo Coimbra-Porto, disputado no Porto. Porém, o meu nervosismo era tal que não pude alinhar... Tempos depois, as duas equipas defrontaram-se em Coimbra, e, então já joguei...

«Uma vez na Académica — onde praticamente alinhei em todos os lugares, pois até guardas-redes fui... — comecei a viver naquele ambiente que nos liga tão fortemente e, como todos os outros, passei horas boas e más, consoante os triunfos e os derrotas. Não esqueço, porém, as vitórias sobre o União, que tinham para nós um sabor especial...

Colhidas as impressões de Mário Reis e de António Maria, procurámos terminar a entrevista com uma pergunta a que ambos pudessem responder ao mesmo tempo e da mesma forma. Não nos enganámos:

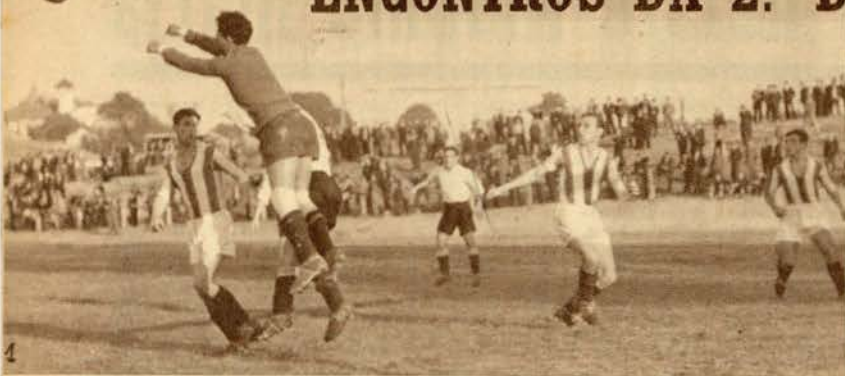
— Fizemos votos muito sinceros para que a Académica volte à I Divisão e confessamos a nossa enorme pena por não podermos colaborar nesse movimento de recuperação que colocará, certamente, a velha «brisa», entre os grandes do futebol português.

Monteiro Poças

NO PORTO

ENCONTROS DA 2.ª DIVISÃO

EM GOIMBRA



1 — No jogo Académico-Leixões, o guardaredes do Académico dá um salto magnífico; 2 — Uma fase animada do encontro União-Ferroviários disputado em Coimbra; 3 — Um avançado do União corre mas não alcança a bola



NO BARREIRO



No desafio Luso-Montijo, o guardaredes do Barreiro executa uma defesa



Um mergulho do guardaredes do Montijo o qual consegue salvar um golo

Fotos FOTO-CINE



3

EM VILA REAL



1 — No desafio em que o Sport Clube de Vila Real derrotou o Académico do Porto por 3-0, vê-se um ataque vilarealense vigoroso; 2 — Silvio, do Vila Real, defende um remate despedido da curta distância



Foto MARIUS

EM VISEU

Uma fase do encontro em que o Académico venceu o União de Coimbra por 3-1. O guardaredes sai, e o União marca o seu primeiro e único golo



EM PORTIMÃO

Duas fases do encontro da 2.ª Divisão disputado em Portimão



Foto URBANO SANTOS

NA FIGUEIRA DA FOZ

A ACADÉMICA VENCE A NAVAL POR 4-0

Os estudantes de Coimbra atacam com ímpeto, colocando os rapazes da Figueira em dificuldades



Foto VERUS





COVILHÃ PERDE EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Ao que parece o guarda-redes do Boavista abandonou as balizas solicitado por algum lance, mas as redes não ficam desertas...

ELVAS SOMA MAIS 2 PONTOS...



1 — Um magnífico salto de Livramento, da Covilhã, que desenvolve o lance.

2 — O Lusitano defende-se com valentia.

3 — A troca de galhardetes entre os dirigentes do Lusitano e do Sporting da Covilhã, cerimónia que marca a primeira visita.

4 — Ramalhão em acção.



O guarda-redes do Boavista em acção. Serafim está dentro das balizas — para o que der e vier.



A ROMAGEM DE SAUDADE A COSME DAMIÃO

O semanário «Sport Lisboa», órgão do grande clube lisboeta, promoveu domingo passado uma romagem à campa de Cosme Damião — grande figura do Benfica para todo o sempre ligada ao Futebol. Publicamos dois aspectos da comvente cerimónia, muito concorrida, vendo-se a usar da palavra o sr. brigadeiro Tamagnini Barbosa, presidente do clube



Os empregados da Companhia Colonial de Navegação reunidos num Grupo Desportivo vão dedicar-se à educação física. A inauguração oficial do Grupo deu motivo a uma bela festa de confraternização. Aproveitando a oportunidade, deu-se o lançamento à água de um yolle de mer de 4 remos de que foi madrinha a menina Maria Teresa Melo Vieira, filha do administrador sr. Raul Vieira.



Tenente RODRIGO DA SILVEIRA

(Continuação da pág. 5)

Referimo-nos ao tenente Rodrigo da Silveira que apparece há quatro anos nas pistas portu- guesas mas que este ano fez alarde das suas qualidades de cavalleiro e de concursista, cha- mando sobre si as atenções ge- neras.

Apresentand'-se a cavallo com a maior correcção — o tenente Rodrigo da Silveira tem o Curso de Instrutor de Equitação, con- cluído em Melro há dois anos — revela no decorrer das duas diltimas épocas, magnificas qua- lidades para provas de obstá- culos, tais como, desembarço, sangue frio, valentia e espirito desportivo.

Mais. Conseguia tirar do ca- valo «Belver», que parecia estar já na curva descendente, um conjunto de classificações que pode considerar-se brilhante. Basta que se diga que em 23 de- las, arrancao quatro 2.^{as} prémios e seis 3.^{as}. Só este ano nas Cal- das foi o 3.^o classificado do «Grande Prémio» e da «Taça de Honra» e 2.^o no «Campeonato do Salto em Altura», transpondo, à primeira tentativa, o «pendish» com a vara a 2 metros.

Também com o irlandês «Ba- jone» conseguia um bonito grapo de prémios entre os quais figura o 1.^o lugar da «Omnium» de Cas- cels, em luta com todos os no- sos «ases» e com os quatro cavallei- ros da equipa espanhola.

Foi uma vitória de mereci-

mento, das que definem bem as qualidades de um cavalleiro e de um concursista.

Se não nos enganamos e se ao tenente Rodrigo da Silveira fo- rem distribuidos cavalos de ca- tegoria, poderá agarrar-se-lhe um brilhante futuro. Estamos mesmo convencidos que não lhe faltará muito para ascender à equipa nacional, tanto mais que sabemos que esta deverá sofrer alterações na próxima época, provenientes da impossibilidade do capitão Barrento lhe dar o seu brilhante concarso, devido à sua vida militar lho não per- mitir.

A equipa nacional reane os mais destacados valores da nossa cavallaria desportiva e o apreeci- mento de Rodrigo da Silveira entre os seus elementos, não causaria espanto, dada a magni- fica posição por ele alcançada nas duas diltimas épocas.

Não conhecemos a opinião do seleccionador militar portu- gues e não pretendemos, claro está, interferir com a nossa modestis- sima opinião, por qualquer for- ma, na sua maneira de vêr. Nin- guém melhor do que ele saberá escolher os elementos mais acon- selháveis.

Pretendemos apenas assinalar devidamente o aparecimento do tenente Rodrigo da Silveira, apontando-o, sem receio de errar, como um novo o lór do hipismo nacional.

Antas Teixeira

FREDERICO

do Sporting Clube de Braga

(Continuação da pág. 4)

— Que me diz do W M ?

— Não gosto da marcação sis- temática porque ella inferioriza e tira a acção aos jogadores que actúan à base da habilidade e não da força...

— Aspirações ?

— Continuar a ter «pernas» para servir sempre o Sporting de Braga.

— Só isso ?

— Que mais pode desejar um jogador da «Provincia»...

Compreendemos a interroga- ção de Frederico e passamos adiante.

— Recordações ?

— É curta a minha carreira, mas algumas tenho que não posso olvidar. A vitória do «Fós- foros» no jogo de passagem contra o Estoril não pode jamais ser esquecida. As vitórias do meu actual Clube nos eliminató- rias do Campeonato Nacional da 2.^a Divisão com aquele «fim de festa» do Montijo, estão gra- vadas na minha memória. A recepção excepcional que o admi- rável público de Braga nos prestou quando Campeões Naciona- lis foi a maior, a mais sentida que pude presenciar até hoje no campo desportivo. Como vê sua ama «mascoete». Nunca perdi a um jogo decisivo...

— Jogadores que mais admira ?

— Admiro todos os jogadores correctos. Franklin, do Vitória de Guimarães; Jesus Correia, do S. C. Portugal; Espírito Santo, do Benfica; Vieira, do Estoril Praia e Isaurindo, do Lusitano de Vila Real. Se todos os jogadores fossem da tempera dos que acabo de citar, o futebol portu- gues iria muito longe...

— Colegas de equipa ?

— Todos são excellentes com- panheiros. É justo, no entanto, que distinga um que, no «enze», todos admiramos e estimamos a ponto de lhe chamarmos o «nosso menino». Trata-se de Cassiano, um praticante do desporto que tem tanto de bom jogador como de bom rapaz.

— Gosta do ambiente braça- rens ?

— Conheço Portugal desde o Minho ao Algarve e nunca en- contrei melhor gente.

— Clubes favoritos ?

— Admiro o Oriental que, de- pois do meu Clube é tado para

mim. A minha simpatia pelo Clube da minha terra tem justifi- cação absoluta: o Oriental nasceu da fusão do «Fósforos» com dois clubes da zona Orien- tal de Lisboa.

— Treinadores ?

— Seria ingrato se não fizesse uma referência a Alberto An- gusto. Quanto a mim, merece a classificação de óptimo. Do meu treinador actual José da Mota, dis- lhe-ei que estou satisfeítis- simo. Ao seu meticoloso trabalho de preparação fisica devo esta época a minha melhor forma de sempre. É uma pessoa de fino trato que sabe lidar com o atleta.

— Quer prognosticar a classi- ficação do seu Clube no Na- cional ?

— Temos «team» para se clas- sificar entre os cinco primeiros. Os resultados obtidos até hoje são um aviso... Não nos falta preparação e a nossa classifica- ção poderia dar hoje que fazer se não fosse o castigo de Alvaro Pereira...

Tinhamos pensado dar por finda a entrevista mas notamos que o correcto Frederico ainda desejava dizer mais alguma coisa. Não falou, mas lemos no seu olhar...

— Parece que quer dizer mais alguma coisa !

— Sim. Não desejava finalizar esta entrevista sem formular um desejo...

— Mas que desejo é esse ?

— Há muito que gostava que as Islangas do Sporting de Braga e do Vitória de Guimarães se compreendessem melhor. Que se lembrem os de Braga e que me- ditem os de Guimarães, que não teria sido possível elevar o fute- bol minhoto ao plano notável a que ascendeu sem a valiosa con- tribuição dos dois Clubes. Que eles e as suas Islangas prossigam, mas de mãos dadas, nesta luta desportiva e entusiasta, sen- sendo ser sempre bons rivais, mas nunca olvidando que é neles que o Minho inteiro tem os olhos postos como lídimos represen- tantes do seu futebol.

Não podia ter melhor desfecho a nossa entrevista com o número «11» do Sporting de Braga. Isto bastaria para o ereditar como um desportista.

Benigno da Cruz



**PNEUS
E
CAMARAS DE AR**

MABOR

Produção da
**MANUFACTURA NACIONAL
DE BORRACHA**



ARCADIA O DANCING N.º 1
— DA CAPITAL —

Grandioso triunfo da célebre orquestra espanhola
MANOLO BEL Y SUS MUCHACHOS

Sensacional programa de Variedades com a extraordinária atracção

TRIO ALONSO
Marilis de Lagunar - Les Deux Parisiennes
Carmelita de Córdoba, Mary-Mely, Hermanas Rodriguez,
Lila-Anilis, Nuncha de Aragon e Mabel Valencia

Stadium

Porto (Matosinhos) — Verdaderamente satisfeito com a criação de uma «Tribuna para os portuenses na página do Porto da vossa magnífica Revista, venho pela presente chamar a atenção de V. para o facto de um árbitro de Lisboa ter sido designado para dirigir em Vila Real de Trás-os-Montes um desafio entre o Académico do Porto e o simpático clube transmontano.

«Julgo que não lembraria a ninguém de bom senso uma coisa destas! As organizações desportivas estão já oneradas com encargos de toda a ordem, mas a Comissão Central dos Arbitros de Futebol resolveu ainda forçar mais a nota, fazendo deslocar de Lisboa para o extremo nortenho um dos seus funcionários, enquanto que para jogos entre equipas desta cidade (Benfica-Porto por exemplo), nomeou um árbitro de Setúbal, mesmo de ao pé da porta... Critérios diferentes... «Estas «fantasias» da Comissão

Central de Arbitros tem de ser pagas pelos clubes interessados, e daí o nosso protesto sincero e com certeza oportuno. Um árbitro de Lisboa em Vila Real — para quê? Não haveria em Braga, Aveiro, Viseu ou até mesmo Coimbra um juiz de campo capaz de orientar o desafio entre portuenses e transmontanos?

«Os académicos portuenses não são «feras» no futebol, actualmente, e as suas aspirações não são muitas. Era necessário «seleccionar» um árbitro? E se fosse, não teríamos árbitros em Aveiro e Braga, centros que dão constantemente juizes para desafios da 1.ª Divisão?

«Pobres dos clubes, afinal. Se a Comissão quiser levar por diante este processo de nomear árbitros — o que podem ver eles qualquer dia? — Alvaro Ribeiro».

A carta do prezado leitor não precisa de ser comentada. Diz tudo.

Lamas da Feira — «Sendo da terra do Romão, portanto seu admirador, e tendo acompanhado todos os seus jogos nesta temporada, vi que em Lisboa foi o melhor jogador em campo. Dada a sua regularidade e a sua resistência física verdadeiramente admiráveis, não teria ele direito a que os seleccionadores reparassem um pouco na sua conduta? Haverá melhor ou mesmo tão bom nas fileiras de qualquer grupo português? — Serafim Ferreira Alves».

Tem muita razão o prezado admirador do médio do F. C. do Porto. Romão triunfou nitidamente. Já agora, anunciámo-lhe que no próximo número publicaremos uma reportagem sobre o seu voloroso contra-ataque.

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

Um admirável livro de 340 páginas e cerca de 200 belas fotografias

Todos os desportos portuenses foram considerados nesta excelente obra de Tavares da Silva e Rodrigues Teles, colaborado por dr. Salazar Carreira, tenente Rafael Barradas, Mário de Oliveira, Jorge Monteiro, Fernando Sá, Pita Casalejo, Antas Teixeira, Abreu Torres, Vasco Santos, Carlos Pinhão, Monteiro Poças e Elísio Rodrigues.

na capitã do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

UMA OPINIÃO OPORTUNA

Noutro local publicamos uma carta vinda do Porto, onde o seu autor se insurge contra o facto de se haver indicado um árbitro de Lisboa para dirigir um encontro em Vila Real. De facto, o nosso leitor tem alguma razão. Talvez muita. Não compreendemos lá muito bem esta prova de simpatia, pois noutros centros mais próximos não seria difícil encontrar pessoa competente e mais... barata para os clubes!

A opinião apreciada na «Tribuna dos Portuenses» dispensa-nos de fazer outros comentários, e esperamos que factos desta natureza sejam esquecidos. Que diabo: — o futebol não poderá dar para tudo...

O RESULTADO DO BENFICA-PORTO

Nem todas as críticas quiseram dar o necessário relevo ao empate que o F. C. do Porto soube conquistar em Lisboa. Na opinião de alguns camaradas, o campeão portuense teve muita sorte — talvez aquela sorte que lhe tem faltado noutros desafios...

Ora como não ha campeões sem sorte, passemos adiante e por cima do que se escreveu. Aplauda-se a boa jornada do F. C. do Porto, no campo do Benfica, e deseje-se que o grupo campeão salta corresponder de futuro aos anseios do seu público.

A equipa, a despeito de ter ainda várias saídas difíceis, pode conseguir para o Porto um resultado que corresponda ao seu valor e ao esforço dos seus dirigentes.

Dar luta ou jogar futebol...

A actuação de Silva e de Fandiño, no F. C. do Porto, não tem sido apreciada pela crítica da mesma maneira. Uns afirmam que são bons; outros — que são vulgares; e ainda outros, que nada valem. Ora, não se compreende que o sector encarregado de dizer ao público o que viu mantenha critérios tão divergentes.

Como também se não compreende que ao apreciar estes dois jogadores se afirme em tom depreciativo: «não dão luta». O que se entende por dar luta? Já vimos jogar Fandiño e Silva, e parece-nos que eles não precisarão de lutar para jogar bem e para fazer jogar os colegas. Alguns jogadores, como se sabe, applicando-se ao jogo com demasiada energia — passam para além das normas de boa correcção mas nem por isso conseguem ser mais úteis. A crítica, ora os condena, ora os louva pelo seu espírito de «amor clubista» ou de «fibra atlética». E conforme os gostos de cada um...

No entanto, e até por intermédio das mesmas autoridades técnicas, condena-se às vezes aquele que joga a bola, que a domina sem empurrões e à custa de muita energia perdida! Que julgar de tudo isto?

Deve allerar-se o sistema de Fandiño e de Silva? Porque, se eles não «aparecem» mas jogam, e fazem jogar, mercê da subtilidade que usam perante o adversário áspere? Não será o futebol bonito, assim, jogado com mais arte e menos violência — se «dar luta» quer dizer aquilo que parece: — chocar com o adversário, cerrar os dentes para ganhar um lance decisivo, quando tudo pode aparecer sem desperdício de energia e de sangue?

Julgamos que Silva e Fandiño podem ser apreciados doutra forma, com menos aborrecimento dos que não gostaram nada dos rapazes. O espectáculo das opiniões tão diferentes sobre o mesmo homem, também dá margem para risos francos. Hoje, em crítica, tudo parece possível. Ainda agora lemos, por exemplo, que Baptista, do Vitória de Setúbal, foi culpado das 6 bolas do Porto. Só faltou dizer-se: — o F. C. do Porto deveria perder por 1-0...

CURIOSIDADES...

Agradou muito aos adeptos do F. C. do Porto a maneira como se comportou a sua equipa no Campo Grande.

✦ Também se fazem boas referências ao comportamento do público, pois nunca se ouviu, como agora, no terreno do Benfica a «voz» dos portuenses.

✦ Ao contrário, lamenta-se a pouca sorte do Boavista. Mas pode esperar-se que a equipa do Bessa venha a reagir com tempo.

✦ O F. C. do Porto tenciona utilizar vários elementos na linha avançada. Lino e Sanfins, aparentemente fora da equipa, devem ser utilizados muitas vezes, assim como Francisco e Valongo.

✦ Causou sensação o que foi regulamentado sobre «festas de despedida» — transformadas em «festas de homenagem». O pú-

blico não simpatizou nada com a ideia, segundo se murmura.

✦ Está na balla um assunto velho: Lima-Constituição. Nós já debatemos o problema primeiro que todos os actuais elementos envolvidos na campanha. Logo, alguns repetem as nossas palavras; outros, afirmam-se no campo oposto...

✦ A anterior gerência dos campeões nortenhos «prepara a resposta» definitiva com a apresentação de um excelente relatório. Parece provar-se que as obras da Constituição estão longe de representar uma operação ruínoza para o clube.

✦ Realiz-se no dia 1 de Dezembro, no Porto, o Portugal-França em andebol. Porque não agrupar o jogo com o projectado desafio entre o F. C. do Porto e uma equipa estrangeira?

TORNEIO DAS RESERVAS



Em cima, um aspecto do encontro em que o Sporting derrotou o Atlético por 3-2; em baixo, uma fase do desafio ganho pelo Estoril, 8-0 contra o Futebol Benfica



Sofreu há dias um grave acidente quando transpunha um obstáculo, no hipódromo do Entroncamento, o cavaleiro internacional e olímpico, capitão Fernando Marques Cavaleiro, que ficou contuso e fracturou os ossos da bacia, devido ao seu cavalo, que escorregara, lhe ter caído em cima. Desejamos ao apreciado concursalista um breve restabelecimento.

ATLETISMO



1 — O grupo de concorrentes ao corta-mato organizado pelo Atlético; 2 — A corrida dos 83 metros barreiras no Torneio organizado pelo Benfica para associados e simpatizantes; 3 — No Torneio de Iniciação promovido pelo Sporting, um dos concorrentes no triplo-salto



ANDEBOL

1 — Benfica 10-Almada 2 — Uma fase de ataque dos benfiquenses. 2 — Sporting 16-Estrela da Amadora 0 — Os leões no momento de remate



CARICATURAS DA "STADIUM"

No seu traço característico, à maneira americana, o artista Adriano, de Olhão, dá-nos mais dois belos trabalhos, as caricaturas do guardaredes Sério, do Belenenses, à esquerda, e do interior Melão, do Benfica, à direita. Os jogadores foram estupendamente surpreendidos, e reproduzidos nos seus caracteres, dando-nos o artista um trabalho de verdadeira análise psicológica.

